



Evento	Salão UFRGS 2015: XI SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Alfabetização de alunos da Educação de Jovens e Adultos: uma proposta diferenciada
Autores	DÉBORA PINHEIRO FERREIRA ALESSANDRA ROSALIA CESAR LONGARAY CLARICE DE OLIVEIRA ALINE LEMOS DA CUNHA DELLA LIBERA

O presente relato de experiência trata das atividades realizadas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp – UFRGS) no primeiro semestre de 2015, com uma turma de totalidades iniciais da Educação de Jovens e Adultos (EF1), por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – Pedagogia modalidade EJA (PIBID-EJA). Nossa proposta inicial era trabalhar o eixo Cinema e EJA, porém, ao observar e conversar com os educandos percebemos que estes não se interessariam por esta temática, por não vivenciarem o hábito de assistir filmes. Assim, mudamos nosso eixo integrador para Televisão e EJA, pois percebemos grande interesse dos alunos pelo assunto, já que a prática de assistir programas televisivos está presente em seus cotidianos. A possibilidade de escolha dos educandos sobre os assuntos a serem estudados proporcionou uma oportunidade de discutir e refletir sobre algo de seu interesse, deixando as aulas mais interessantes para nós como educadoras e para eles como educandos. Ao entrar pela primeira vez na sala de aula com os estudantes, percebemos diferentes níveis de alfabetização e, com isto, tivemos inúmeros desafios. Era necessário realizar atividades diferenciadas para os estudantes, a fim de que todos pudessem aprimorar a leitura e a escrita. Nossa proposta inicial era descobrir, a partir de um ditado de palavras e uma frase, qual o nível de alfabetização, a partir dos estudos de Ferreiro e Teberosky (1999), daqueles estudantes. O resultado deste ditado foi analisado e percebemos que havia estudantes em diferentes níveis: alguns não reconheciam as letras do alfabeto, outros já liam e escreviam com um bom nível de compreensão. Sem abandonar o nosso eixo principal, nosso ditado consistiu na elaboração de um jogo na forca, baseado em um programa de Televisão que continha este quadro. Selecionamos palavras-chaves, a partir de um texto sobre o apresentador Silvio Santos (bastante citado e conhecido pelos estudantes) para que posteriormente pudéssemos realizar uma correção coletiva. A partir desta atividade, conseguimos visualizar as necessidades específicas de cada um dos alunos e desta maneira intervir do modo mais adequado para que fosse possível uma aprendizagem significativa. Percebemos que havia um estudante copista o qual, numa abordagem inicial, achamos que já estava em nível alfabético. A fim de realizar uma atividade onde deveriam escrever frases com algumas palavras previamente selecionadas pelas bolsistas, os escritos deste aluno eram muito parecidos com os de outro (cópia). Quando solicitamos que fosse formulada uma nova frase, ele não conseguiu escrever. Seguindo nas descobertas dos níveis de alfabetização, começamos a elaborar atividades diferenciadas para os estudantes, separando-os em grupos, por nível. Ao longo das aulas, consideramos que esta não se configurava como a melhor maneira de ensinar, pois deixava muito evidente os critérios da separação e, ainda, não conseguíamos realizar discussões importantes com o grupo todo. A nossa intenção nunca foi de que algum estudante se sentisse excluído, pelo contrário, sabemos que é necessário proporcionar espaços em que os alunos se sintam envolvidos e participantes na construção de seu conhecimento. Na EJA isto deve ser ainda mais evidenciado, pois reconhecemos nos estudantes sua condição de trabalhadores e atuantes no meio em vivem. Percebendo que a proposta não alcançaria nossos objetivos e poderia afastar os estudantes da turma resolvemos, então, efetuar uma nova abordagem. Desta maneira, começamos a pensar em atividades que fossem iguais para todos, mas com enfoques diferenciados: enquanto os que já estavam alfabetizados escreviam textos sobre um determinado tema, os não-alfabetizados realizavam a escrita de palavras, com o acompanhamento das bolsistas. Como resultados possíveis, a partir da realização desta proposta, podemos citar o aprimoramento na escrita dos estudantes pré-silábicos, que agora já são silábicos, e mais fluência na escrita daqueles que já eram alfabéticos. Tendo em vista que os estudantes da EJA relacionam seus aprendizados escolares com sua vida cotidiana, um dos estudantes que estava no nível silábico, relacionou a letra J (inicial do mês de julho) com o nome do seu colega Juarez (este mesmo educando anteriormente não reconhecia as próprias letras do seu nome). Avaliamos que, por estarmos somente um dia da semana em sala de aula com os estudantes, se torna difícil acompanhar suas aprendizagens, porém, realizando propostas de leitura e escrita, com base em temas cotidianos eleitos por eles, percebemos como alguns, que antes não escreviam espontaneamente, agora já se sentem livres para escrever e em grande parte das aulas pedem para escrever mais. Acreditamos que lecionar na EJA é estar frequentemente realizando uma troca de aprendizados, já que os alunos trazem consigo uma bagagem cultural, que muitas vezes, é diferente da nossa, o que vai ao encontro do que salienta Paulo Freire: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (2002, p. 25).